

“Análise superficial pode gerar desânimo”

Para o presidente, “o registro puro e simples dos atuais índices de saúde, sem aprofundamento na análise de sua tendência, leva com frequência a apreciações fragmentárias e superficiais, de caráter negativista, gerando desânimo e pessimismo”. Seu discurso, o presidente da República admitiu que “inegavelmente, os indicadores de saúde estão, ainda hoje, em níveis muito inferiores aos que desejaríamos ver”. Ressaltou, entretanto, “que um dado atual, embora exprima a situação de momento, não retrata a evolução do fenômeno e não basta, assim, para avaliar ações de saúde e muito menos para justificar determinadas modificações”.

Em seguida, o presidente Geisel recomendou a necessidade de se examinar a evolução dos indicadores de saúde pois “só então haverá condições para criticar o que foi feito e, sobretudo, para sugerir alternativas mais eficazes”. E lembrou aos participantes da Conferência que o grande desafio no setor reside na criação de normas de ação “objetivas, coerentes com a realidade, compatíveis com a disponibilidade efetiva de recursos e que representam o máximo que o governo pode colocar à disposição do setor nos dias difíceis que vivemos”.

O presidente abriu a Conferência Nacional de Saúde às 10 horas e, após a solenidade de instalação, permaneceu mais de uma hora na exposição dos prin-

cipais problemas de saúde do País. Geisel olhou detalhadamente todos os painéis expostos, tendo como guia o ministro Almeida Machado.

Já o ministro da Saúde, que também falou na abertura da Conferência, destacou que “o Ministério da Saúde nasceu como um órgão burocrático, através de uma lei sancionada em julho de 1953, que contemplou apenas as atividades administrativas de apoio”. “Examinando a legislação federal do setor saúde desde a criação do Ministério, verifica-se que até 1964 muito pouco foi feito no sentido de se abordar uma política, adotar uma doutrina e criar uma estrutura operacional”, disse Almeida Machado, creditando essa situação ao fato de “os ministros até então permaneceram no cargo muito pouco” e, por isso, “não dispunham do tempo mínimo para traçar planos e menos ainda para executá-los”.

Depois de destacar todas as leis, decretos, portarias e demais textos legais baixados de 1964 para cá, o ministro Almeida Machado agradeceu ao presidente Geisel “a confiança demonstrada por V. Excia na saúde pública brasileira”.

Afirmando terem sido “raríssimas as oportunidades concedidas à saúde pública para assumir, depois de Campos Salles, a responsabilidade por projetos de vulto sem orientação e supervisão estrangeiras”.